

Na cidade : 3 mezes, 500 reis. Fora da cidade : com acrescimo das estampilhas. Anuncios : na primeira vez 20 reis por linha. Na repetição 10 rs.

O BRADO LIBERAL

Na typographia d'esta folha, rua Nova de Sousa, n.º 45.

Direcção jornalística, rua das Aguas, n.º 84.

SEMANARIO BRACARENSE ANTI-REACCIONARIO,
HABILITADO NA FORMA DA LEI.
PUBLICA-SE A'S SEXTAS FEIRAS.

NUMERO 40.

SEXTA FEIRA 5 DE MARÇO DE 1875.

ANNO I.

O BRADO LIBERAL.

Acaba de constituir-se n'esta cidade de Braga uma empresa proficiuissima, com o alvo directo de beneficiar os desfavorecidos de bens da fortuna.

Inaugurou-se no dia 22 de Fevereiro em casa do exm.º Dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, cavalheiro illustrado, e abastado capitalista d'esta capital do Minho.

Tem esta empresa por titulo *Companhia Edificadora e Industrial Bracarense*, e por alvos individuaes nove fins importantissimos :

1.º — Adquirir terrenos, e edificar n'elles predios urbanos modestos, de diferentes typos e tamanhos, e alugal-os ás classes pobres, operarias e remediadas.

2.º — Comprar, alugar e vender predios, quér no estado em que forem adquiridos, quér depois de concertados.

3.º — Negociar em materiaes de construcção, principalmente madeiras : e adquirir por compra ou arrendamento jazigos de materiaes proprios dos intuits da presente Companhia.

4.º — Montar machinas de moagem, serragem, carpintaria e fundição, movidas por vapor ou por agua.

5.º — Construir edificios publicos ou particulares em qualquer ponto do districto.

6.º — Administrar e fiscalisar, mediante convenção prévia, os que por conta alhea forem feitos n'esta cidade e immediações : assim como mediante a mesma convenção dar consultas, elaborar planos e projectos, practicar e tomar a seu cargo todos os trabalhos d'engenharia e architectura.

7.º — Proporcionar ás classes la-

boriosas um meio facil, moral e suave, d'adquirem segundo suas necessidades e aptidões uma casa propria d'habitação, mediante maiores ou menores entradas no acto do contracto, e mensalidades, annuidades ou prestações á vontade da parte, até se preencher a somma estipulada.

8.º — Iniciar ou desenvolver qualquer melhoramento d'aguas, saneamento da cidade, abertura de talhos de carnes, e qualquer outro ramo d'industria, conveniente aos interesses da Companhia.

9.º — Criar e sustentar, quando as circunstancias o permittam, uma escola nocturna d'apprendizagem d'operarios.

O capital d'esta empresa utilissima é de 1:000 contos de reis, em 10 series de 100 contos cada uma.

Cada serie é de 4:000 acções, cada uma de 25\$000 rs. : e estas acções são intransmissiveis, até que se tenha realisado 50 por cento do valor nominal.

Basta esta indicação geral, para se avaliar á sociedade o elevado alcance d'esta empresa para Braga.

Esta idea proficiuissima, apenas começada a implantar em Berlim onde germinára, deu para logo resultados memoraveis, assim em relação aos beneficiados, como egualmente em relação aos beneficiadores.

No Brazil, foram ainda mais surprehendedentes os resultados obtidos.

Aqui n'esta capital do Minho, onde as casas escaceam d'um dia para outro, e onde são numerosos os desvalidos da fortuna, não serão menos surprehendedentes de certo — como tudo nos leva a crêr — os resultados beneficentissimos d'esta *Companhia Edificadora e Industrial Bracarense*.

Nos signatarios da sua inaugura-

ção auspiciosa, figuram cavalheiros da maxima confiança — intelligentes e patriotas — dedicados com fervor e enthusiasmo ao engrandecimento d'esta capital do Minho.

Na indicação dos nomes d'estes cavalheiros, está todo o elogio d'esta empresa proficiuissima.

São os seguintes os instauradores :

José Maria Rodrigues de Carvalho — Visconde de S. Lazaro — Jeronymo da Cunha Pimentel — Henrique Guilherme Thomaz Branco — Francisco de Campos d'Assvedo Soares — Henrique Freire d'Andrade — João Carlos Pereira Lobato — Francisco Casimiro da Cruz Teixeira — Antonio José Gonçalves Braga — Frederico Augusto Pimentel — João Antonio d'Oliveira Braga — Francisco da Silva Araujo — João de Mello Falcão — José Alves de Moura — Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu — Fernando Castiço.

Jantar de despedida.

Teve logar no domingo, 28 de Fevereiro, um jantar de despedida no Bom Jesus do Monte, offerecido ao exm.º Augusto Pimentel, ex-administrador d'este concelho de Braga, pelos amigos de S. E. e de sua exm.ª familia.

O dia esteve muito chuvoso : e foi d'intenso frio n'aquelle sitio memoravel.

Anteriormente, tinha tambem o exm.º visconde de S. Lazaro — no seu palacete — offerecido um jantar a S. E. por egual motivo.

Feira dos Anexins.

Vae fazer-se em Lisboa a edição completa da *Feira dos Anexins*, obra manuscrita do nosso escriptor seis-

centista D. Francisco Manuel de Mello.

N'esta locubração d'este illustre perseguido entre nós — apesar das solicitações do rei Luiz XIII da França ante o nosso rei D. João IV em seu favor — estão lançadas methodicamente as metáphoras e locuções populares da lingua portugueza.

Na *Hora de Recreio* do Padre João Baptista de Castro, acham-se alguns extractos da *Feira dos Anexins*, como exemplos sobejos — ainda que poucos — para fazer desejar o trabalho inteiro do eximio escriptor lisbonense.

Os escriptores dramaticos, e principalmente os dados ao genero comico, acharão na *Feira dos Anexins* exemplos valiosos de toques e donaires da nossa lingua, para os seus personagens dialogarem na scena com propriedade e chiste — com agudeza e popularidade.

Eis-aqui um exemplo d'esta obra, transcripto em relação aos fructos :

« Chegou de Roma a *Roman*, que tinha lá ido a certa romaria ; e passando por *Granada*, murmurava o *Melão* que é *descascado*, que por *Rameira* enriquecera, e dizia : — Como vem *rubicunda* ! tanto *rubim*, e tanto cabedal, não cabe na alçada do sexo feminino !

« D'isto appellava a *Roman* para a *Coroa*, dizendo que as pessoas reaes eram isemptas da vulgaridade da natureza : porem o *Melão*, sem *pevide* na lingua, lhe tornou : — Todas são mulheres : as *Romans* tambem tem suas faltas : e olha não vá eu vomitando as *tripas* — que sei muita *lettra* !

« Quem havia de ser, o que não podesse estar *callado* senão o *Melão* ! — disse a este tempo a *Azeitona*, com o seu costumado *sal*. — Vejiam lá o *mulato* se tem lingua para fal-

FOLHETIM.

BIBLIOGRAPHIA.

CARTA A UM AMIGO.

Vae para oito mezes que eu comprei e li em Paris uma brochura de capa amarella, que me entristeceu, porque era destinada pelo author a fazer rir os leitores, por um franco. Rir por este preço em França, já não é graça.

Foi o titulo que me fez cair ; e mais en ha muito que ando de pé atrás contra elles. O Garrett disse que alguns valem um livro, e antes do queridissimo author do *Fr. Luiz de Sousa*, um dos nossos classicos *in-folio*, que, como sabe, são os classicos de maior pezo — tinha escripto pouco mais ou menos a mesma couza.

Se eu fosse um espirito meticuloso devia agourar mal da cor da capa da tal brochura. Bandeira amarella é signal de epidemia, e eu sem precaução contra a contágio levei para o hotel um ramo de peste.

O livro era uma — physiologia do bibliophilo. — Veja o meu amigo que titulo, e diga-me se era capaz de não cair no laço ! A ideia da obra, desfiada de todos os modos a que tanto se presta a lingua das fu-

tilidades sonoras, era fazer do bibliophilo de profissão e do amador de livros velhos, um pobre diabo gravemente ridiculo, mettido em alterosa gravata, entrixeinado atraz de uns oculos que veem das esparramadas sobranceiras até á maçã secca do rosto, e armado de farta pitada sempre apontada a uma só venta, e a uma unica-mente, porque a outra é escrupulosamente guardada, não só para por ella penetrar puro o pó secular, que é o perfume inebriante dos livros antigos, mas para sem mais exame julgar com o poderoso auxilio da sabia venta, da ancianidade da tinta, do papel, da edição emfim, do cartapacio.

N'estes dizeres, uns mais tolos e outros mais engraçados, ia o livro até o fim. E eu li-o todo ; e pedendo-me que por um franco ninguem podia dizer mais, nem peor.

Note, porem, o meu amigo, em que circunstancias tive a felicidade de comprar a brochura : — no dia immediato áquelle em que eu passára muito tempo na famosa e velha livraria de *Augusto Fontaine*, na *Passagem dos Panoramas*, (1) e para maior zanga, poucas horas depois de ter feito

(1) E' das principaes livrarias possuidas em Paris por negociantes de livros raros e preciosos. O magnifico catalogo publicado em 1874, volume em 4.º grande de 504 pag., contem nteis licções de bibliographia escriptas pelo bibliophilo Jacob.

As 2.716 obras contidas n'elle estão cotadas — preço fixo — em 552.062 francos, mais de cem contos de reis em moeda portugueza.

demorada visita aos *ferros velhos* da rua dos *Santos Padres*, e ahi comprado um livro de que lhe vou fallar, porque é elle o objecto d'estas linhas !

Como tal livro alli foi parar, nem eu o sei nem o quiz perguntar, nem vem para o caso. Quando o encontrei entre compendios de lyceus e romances de Pigault Lebrun, não tinha ideia, absolutamente nenhuma delle, e mais ando ha muitos annos a reunir livros hispanhoes e portuguezes. Quem sabia tudo, acho que era o francez que m'o vendeu, porque me assegurou — que não havia outro livro como aquelle, e mais como outro que eu estava folheando — que era um drama de A. Dumas.

O que é certo, é que acompanhado da *physiologia do bibliophilo* veio o seguinte, que é o tal, e cujo titulo vou fielmente copiar : — *Vanquete de nobles cavallos e modo de vivir desde que se levantam hasta q' se acuestan, y habla de Cada manjar que complexion y propiedad tiene e que daños y provechos haze, e trata del regimen curativo e preservativo de las fiebres Pestilenciales e de la Pestilencia e otras cosas utilissimas, nuevamente composto por el Doctor Luys de Avila Medico de su Magestad, dirigido ao Illustre y muy magnifico Señor el S. don Francisco de los Cobos Comendador mayor de Leon Secretario y del consejo del estado y secreto de su Magestad. Com privilegio Imperial.*

Não tem na folha do rosto lugar nem data d'impressão : na ultima rubrica, porem no fim, lê-se — *Excussum in inclita Vindelicorum Urbe Augustae*. (Augsbourg) *Augusti die ultimo in celeberrimo Augustissimi. Ro. Imper. Caroli V ac aliorum Germaniae proceru convetu. Per industrium viru Henricum Staineri chalcotypu.*

No privilegio imperial vem a data 1530. E' em 4.º de 86 folhas, sem numeração alguma, e illustrado com gravuras em madeira no estilo e gosto das gravuras da *Chronica de Nuremberg* de 1493.

O *Vanquete* é curioso de baixo de diversos pontos de vista : hoje chamar-lhe-hiamos a uma parte d'elle — tractado de hygiene — e a outra nem eu sei que, em quanto não houver medico portuguez que se lembre d'offerecer aos nobres do rei luso o que o hispanhol Luiz d'Avila e Lobera dedicou aos fidalgos do imperador Carlos V.

A rasão que o author dá para ter escripto o *Vanquete*, não me parece de mais dizer-lha : é que começava a moda por aquelles bons tempos, de se banquetearem á larga os fidalgos e cavalleiros ; e o medico imperial acudia logo com a sciencia, ensinando a que horas se devia jantar, antes de que e depois de que se devia ceiar, e muitas outras *causas utilissimas*, como diz muito bem o titulo.

Desejoso de conhecer bibliographicamente o valor do *Vanquete*, procurei-o em livra-

lar, sendo por nascimento natural!
Ao que respondeu o Melão: — Quem se havia de metter onde a não chamam, senão a Azeitona, sendo toda d'Elvas em parvoices! — Também vossê queria talhada? — Guarde-se não seja retalhada, e vá-se deitar de mólho: pois cá não se gasta senão cousinha fresca, sem osso nem caroço.

«Nisso de mulato, também vossê lá tem não sei o quê de ruças — que d'isso entendo eu como lagar d'azeite: mas o que sei, é que nem todas são brancas.

Tem rasão o Melão, disse a Melancia: basta ser letrado — que ter os coiros pardos, não importa. — O procedimento é que faz as pessoas: se não digam-no algumas Peras.

Que é isso lá? — perguntaram as Cornicabras: e as Melancias se fizeram mui vermelhas, dizendo: — Não fallamos com vossês: fallamos com as Peras-pardas.

Isso é gente — tornaram ellas — com quem nos não damos: gente de capa-parda!

A esta palavra, acudiram as Peras-pardas em um pé, ainda que estavam longe: e a uma voz disseram, que vissem não lhe dessem dois Codornos — que por mais que presumissem de Campanudas e Flamengas na bisarria e formosura — na fidalguia de Conde — e de Cheiro no perfume — nenhuma eram mais ricas que ellas: porque sabiam guardar-se para quando não havia fructa.

«Olhe para ellas, replicou a Bocardia: é porque não as queremos em nossa companhia: se não veja-se lá se admittimos nós as fructas novas, e aquelles mancebos lá da cidade de Damasco — gente que por vir primeiro ao mundo, ou não sei porquê, nunca chegam a ser velhos.

«E' para admirar como se resentiram d'este pique as Cerejas: porque anticipar-se a pedir alviçaras ao mundo, de ter vindo o mais alegre tempo, mais era digno d'applauso que de vituperio: — porem as Ginjas lhes responderam, que eram fructa de rapazes.

« Bem aviadas estamos nós, repararam as Ameixas Saragoçanas — se pelo nome nos desprezam, e chamam pardas, presumindo que vestimos de saragoça.

« É nós, applicaram as Baunezas, que somos inclinadas ao habito pardo?

« Será mui bem empregado, disseram as Maçans, se não se fizer caso

de vossês, já que se mettem a Maçans, sendo Bogalhos-verdes: — e olhe não avisemos a quem lhes dê dois Marmellos, que as faça retirar.

« Dirão — dirão, responderam ellas; que vossês são Chocalheiras. — Mas saibam que nós, se somos Bogalhos, não enganamos o mundo com os Rosarios como vossês, tendo tantos podres, que não ha alguma que seja san como um Péro.

« Chegaram deitando os boses a este tempo os Camoezes; e ouvindo a disputa, perguntaram a uma das Baunezas — que disputa? — E com a fadiga não disseram mais.

« Desconfiou a Bauneza: e convocando em sua defeza — por se despicar — os Ouriços, enfiaram as Maçans, e os Pêros ficaram passados, imaginando que os Ouriços eram vivos. — Mas elles, arreganhando-se, disseram que não vinham a pendencias, senão a fazer galhofa, para o que traziam Castanhetas.

« Com isto, estalou a castanha na bocca ás Baunezas ».

Não alongamos mais este extracto chistoso.

O que fica transcripto, é espécimen de sóbra, para os amadores da nossa lingua podêrem aquilatar conscienciosamente a Feira dos Anexins, e o serviço que se presta ás nossas letras — com a vulgarisação d'este inédito prestimoso.

Hospital de S. Marcos.

Estará patente o Hospital de S. João Marcos d'esta cidade, a quem o quizer visitar, no dia de S. João de Deus em 8 do corrente.

Deve-se ao arcebispo D. Diogo de Sousa, prelado ampliador e reformador d'esta capital do Minho, a redução dos hospitaes d'esta cidade a este só, com summo proveito e omnimoda commodidade dos enfermos.

Teve lugar em 1508 este alvitre luminoso do eximio diocesano primaz.

Fortificações de Sedan.

Vão ser demolidas em França as fortificações de Sedan, capital do arredondamento das Ardenes, onde tivera lugar o desastre de 1870: — desastre que dera lugar á suplantação do govêrno imperial em 4 de Setembro d'esse anno, e á proclamação do govêrno republicano com

o nome de govêrno da defeza nacional.

Conservar-se-ha somente o castello d'esta praça memoravel, como um dos monumentos historicos da nação.

A 6 kilometros ao sul d'esta povoação industrial, acha-se o bosque affamado de Marfée, onde o conde de Soissons — em 6 de Julho de 1644 — dera batalha ás tropas imperiaes.

O Conimbricense.

Transcrevemos em nossa folha anterior, com esta mesma epigraphe, dois artigos relativos á censura prévia dos livros entre nós.

Com o fim de reunirmos a este respeito, as reflexões que o nosso illustre collega de Coimbra publicára posteriormente; damos hoje cabida n'este logar a uma Carta do sr. Innocencio Francisco da Silva, auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez e Brasileiro*.

Copiamol-a do n.º 2:877 do *Conimbricense*, onde o sr. Martins de Carvalho exordia assim a sua publicação: *Ainda a censura dos livros em Portugal*.

O nosso amigo o sr. Innocencio Francisco da Silva, distinctissimo bibliographo, dirigiu-nos a Carta que abaixo publicamos.

Muito estimamos ver corroborada por um escriptor tam competente, a opinião que expendemos ha dias n'este jornal, em contrario da affirmativa do erudito professor do lyceu de Braga o sr. Pereira-Caldas, de serem os *Lusiadas* de Camões, impressos em 1572, o *primeiro livro censurado* em Portugal.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1875. — Meu prezado amigo e sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Bem andou V. no seu n.º 2:875, pugnando em graça da verdade contra um inconsiderado e mais que leviano asserto.

Apesar das provas que diariamente nos dão do seu pouco saber, e (o que é ainda peor!) da carencia do siso commum, certos presumidos eruditos que entre nós se entretêm a publicar ás carradas volumes inquinados de falsidades historicas, e d'êrros de toda a especie; pareceria ainda assim incrível, que sujeito que possuia sequer dous dedos de *sciencia bibliographica portugueza* chegue a proclamar inexactidões de tamanho cali-

bre, e tam flagrantes, como a de que a censura prévia dos livros começára em Portugal em 1572, e que fossem os *Lusiadas*, impressos n'esse anno, o *primeiro livro censurado*!

Ora, meu bom amigo: já que V. começou a exercitar a segunda e quarta das obras de misericordia espirituales, douctrinando a ignorancia e corrigindo o êrro, consinta-me que eu tambem, de refôrço a Murillo, venha dizer alguma cousa.

Não é só o opúsculo *Arte mánoal das festas*, impresso em 1566, apontado no *Conimbricense*, e já por mim descripto no *Diccionario Bibliographico* a pag. 148 do tomo IX, que pôde servir a lançar luz no caso sujeito. Entre os muitos testemunhos, que da mesma sorte, como V. diz, poderiam adduzir-se, um ha que evidentemente nos mostra que a censura prévia dos livros entre nós remonta a epochas mui mais antigas, e coincide quando meno: — com a da introdução do *Sancto Officio* em Portugal.

Queira V. abrir o *Dicc. Bibl.* no tomo III, e a pag. 226 achará noticia minuciosa do livrinho anónimo *Insinio Christão, approvado pela Sancta Inquisição*, impresso em Lisboa, com privilegio real, por Luiz Rodrigues, no anno de 1539. — Verá que no reverso do rosto d'esse livrinho se encontra a provisão do Cardeal Infante D. Henrique, inquisidor geral, datada de 3 de Setembro, em que elle declara, « que — mandando ver a obra por letrados, e achando-a útil — dá licença para se imprimir e vender ».

A ninguém será licito duvidar da existencia d'este livro, com quanto pareça ella desconhecida dos nossos bibliographos, sendo como é attestada de facto proprio nas *Memorias authenticas* do laborioso bibliothecario que foi d'el-rei D. João V. José Cuetano d'Almeida, e tambem indicado por D. Nicolau Antonio, que na *Bibl. Nov.*, pag. mibi 402 o descreve, embora com o êrro d'attribuir a impressão ao anno de 1535.

E por vir a pello, recomendo-lhe tambem a leitura do mesmo *Diccionario* no proprio volume III, artigo *Gil Vicente*, onde a pag. 445 se confuta outro similhante êrro, d'um nosso conhecido escriptor, que — por abotunado a taes lapsos — cahiu tambem no d'affirmar, que em 1562 havia em Portugal *plenissima liberdade d'imprensa*: — isto ao passo que no rosto das proprias *Obras de Gil Vi-*

rias e catalogos notaveis, e não achei indicação que me satisfizesse — o que mais augmentava a minha curiosidade.

Eu vou dizer ao meu amigo as obras que consultei, entre as de maior monta, e as mais recommendadas pelos especialistas: *Bibliothèque curieuse* de D. Clement; (2) obra em que tenho apurado alguns pontos a respeito de livros portuguezes; o excellente catalogo da livraria do Marquez de Morante, onde (3) n'este catalogo na secção — *scencias e artes* — encontro sob o n.º 3783, perfeitamente da indole do *Vanquete*, e o que mais é, da mesma epocha com pequena differença — (1544), a seguinte obra de Fr. Francisco de Ossuna — *Norte de los estados en que se dá regla de vivir a los mancebos; y a los casados; y a los Biudos, y a todos los continentes, &c., &c., &c.*

A *Bibliotheca d'un amador*, tão completa e abundante em algumas especies, (4) não falla de Luiz de Lobera.

Abri e fechei muitos catalogos de livrarias famosas, e obras especiaes de bibliotheca, cujos nomes não escrevo n'esta para lhe não dar ares de ladainha de todos

os sanctos, e nada encontrei. Esteja tranquillo o amigo, que lhe não dou o rosario dos livros que consultei em vão. Bem basta a aridez do assumpto. Isto é peor do que desfazer parede velha em dia de vento fresco. A gente fecha os olhos.

O que, porem, não posso deixar de indicar; são os livros em que, encontrando o meu *Vanquete*, o vejo lá descripto d'um modo que me não satisfaz. Queria já agora, depois de tanta massada tirar a couza a limpo, e estou a vêr que sem auxilio do meu illustrado amigo, ou d'outro que n'isto me queira fazer mercê, fico na mesma.

Nicolau Antonio, falla d'uma edição que não é evidentemente a primeira, e ainda assim vagamente.

A rarissima obra *Bibliotheca de Hispania*, (5) que tantas vezes é um verdadeiro tira-teimas, no artigo *Lodovicus Abulensis a Lobera*, falla do *Vanquete* com este titulo *Nobilium convivii victusque ratione, & de valetudine tuenda*; e mais nada.

Finalmente, Brunet, referindo-se ao catalogo da livraria Chardin, cita o *Vanquete* na edição de 1530, mas de modo que parece indicar que tal data está no frou-

ispicio, ou no fim do livro, cousa que eu não encontro no meu exemplar que reputo completo. O privilegio imperial tem effectivamente a data de 1530. E, por fallar no privilegio imperial, sempre lhe direi que mal posso combinar algumas palavras d'elle com outras do author. Fallando do *Vanquete* diz — *vulgari Hispano latinoque sermone compositum*, mas o livro é escripto em hispanhol, a não querer o Imperador dos Romanos, que era homem para isso, fazer author das citações latinas que se lêem pelo livro adiante, o seu dilecto fisico (dilecte phisice). Ha realmente edições latinas do *Vanquete*, mas tenho para mim que a de 1530 — em hispanho, é a 1.ª, e que só mais tarde appareceriam aquellas muito correctas e augmentadas, porque assim o promete o author. Diz elle: — *se eu tivesse tempo, mais acrescentaria a esta obra, o que deixo para outra occasião, porque não quero ser agora prolixo.*

Para concluir esta Carta dir-lhe-hei que o editor do livro, se tinha typographia, não figura como tal entre as *officinas da Augustae Vindelicorum*, que se encontram descriptas a pag. 529 do 2.º vol. do *Repertorium Bibliographicum*.

Como remate d'esta minha, que de certo terá menos leitores do que são os peccados mortaes, dir-lhe-hei, e estou já d'aqui a vel-o cheio de gaudio, que o editor do livro, se tinha officina typographica, esta-

belecen-a depois de 1500, porque no *Repertorium Bibliographicum, in quo libri omnes ab arte typographica inventa usque ad annum M. D. & não a vejo mencionada.*

E ali tem o meu amigo, o trabalho, não direi improbo — porque é alta a palavra, mas massador, que me deu o tal *Vanquete*, para o qual pouca gente se daria hoje por convidada, sabendo que ha lá uns guisados feitos com cascas de cebolas e gravãos, que deve ser optimo presente para mandar ao diabo.

Sempre queria ver até onde ia a imaginação franceza, pondo em menu os bons bocados que inculca aos nobres da corte do poderoso Carlos V o seu dilecto fisico!

Ficam-me cá outros livros hispanhoes e portuguezes, a respeito dos quaes conversaremos ainda. Isto ha-de ir de vagar, e aos poucos, não só por que é muito bom, mas até porque é soberanamente indigesto.

Se não acabar já esta Carta, receio, achar magnifica, e recomendar-lhe a brochura de capa amarella.

Braga, 4 de Março — 75. F. C.

(2) *Bibliothèque curieuse, historique et critique, ou catalogue raisonné de livres difficiles a trouver* — fol. pag. 9 vol. 1750 a 1760.

(3) *Catalogue de la Bibliothèque de feu M. le Marquez de Morante* — Paris — 1873.

(4) *Cat. Bibliot. d'un amateur* — Renouard, 1819 4 volumes em 8.º

(5) O preço alto e a grande raridade da *Hispaniae Bibliotheca seu de Academiis ac Bibliothecis, &c., &c.*, 3 vol. 4.º — Franco-forti, 1608 — faz com que muitos amadores de livros lhe não tenham posto os olhos em cima — Sempre as letras de cambio, a fugirem das letras de fôrma!

cente, impressas no dito anno, e a cujo proposito se fazia aquelle asserto, se lê clarissimamente, *que o livro foi visto pelos Deputados da Sancta Inquisição!*

E eis-aqui como, ás vezes, á sombra d'affamados nomes, se propagam e perpetuam erros inacreditaveis, que um estudo mais attento dos factos, e uma critica menos superficial e presumpçosa, teriam de principio evitado.

Fiquemos aqui por hoje. — O muito que a este proposito me occorria, irá em outra occasião, se V. entender que estas linhas merecem a publicação.

Sempre de V. amigo, confrade, e servo muito obrigado.

Innocencio Francisco da Silva.

Conforme se vê do que deixamos transcripto, nem o sr. Martins de Carvalho, de Coimbra — nem o sr. Dr. Rodrigues de Gusmão, de Portalegre — nem o sr. Innocencio Francisco da Silva, de Lisboa — chegaram a indagar o comêço official da censura prévia dos livros entre nós.

O que uns e outros fizeram a este respeito, limitou-se apenas ao *Facile est inventis addere*, indicando algumas obras censuradas antes de 1572, anno da publicação dos *Lusíadas* de Camões. — Mas o sr. Innocencio, desautorado com frequencia pelas muitas faltas e frequentes erros do seu *Diccionario Bibliographico*, não perdeu a oportunidade de tentar exaltar a sua obra, alardeando com impaciencia conhecimentos e illustrações ás carradas — esquecido do móto sentencioso do «Livro dos Proverbios», Cap. XIV. Vers. 29:

« Qui autem impatiens est, exaltat stultitiam suam ».

Se cada um dos tres escriptos houvera esmiuçado o assumpto de discussão: poderia cada um d'elles memorar a origem da nossa censura prévia, indicando-a fixadamente desde os seus «primordios officiaes».

Poderiam ter-nos dicto, que logo que o Cardinal Infante D. Henrique tomara posse do logar d'inquisidor geral do nosso reino — em 3 de Julho de 1539 — expedira uma Provisão sua, para o Prior do convento de S. Domingos de Lisboa ser entre nós o *revedor dos livros*: — cargo, que elle Cardinal Infante commettia não só ao que de presente o era, senão tambem aos que ao adiante o fossem — logo que se achassem eleitos e confirmados, sem precedencia de mais outra diligencia para o caso.

Foi esta a origem official da censura prévia dos livros em nosso reino: — censura practicada conforme esta Provisão até 1598, sendo então inquisidor geral entre nós o Bispo d'Elvas D. Antonio de Mattos de Noronha.

Por serem muitos n'essa occasião os livros que se imprimiam, julgou este inquisidor geral ser necessario haver mais *revedores*: — e nomeou-os então, não só da mesma Ordem Dominicana, como ainda d'outras Ordens Religiosas do reino.

O primeiro *revedor de livros* que houve entre nós, foi o Padre Fr. Gaspar dos Reis, fallecido em 1577. — Foi mandado pelo nosso rei D. João III ao Concilio Tridentino como theologo seu: — e regressado a Portugal, foi inquisidor no Sancto Officio d'Evora, e deputado do conselho do Sancto Officio de Lisboa, sendo inquisidor geral o Cardinal Infante D. Henrique.

Fica assim illucidada agora a discussão a que demos logar, e em que somos nós a final de contas o rematador-averiguador, assim como fo-

ramos igualmente a causa inicial da mesma discussão.

Poderiamos analysar com minuciosidade a Carta do sr. Innocencio, fazendo-o em conformidade com o móto sentencioso do *Livro dos Proverbios*, Capit. XXVI. Vers. 5:

« Responde stulto juxta stultitiam suam, ne sibi sapiens esse videatur ».

Reservar-nos-hemos no entanto para outra occasião, evidenciando então ao sr. Innocencio, que ao auctor do artigo *D. Timotheo dos Martyres* — artigo dos mais infelizes do seu *Diccionario Bibliographico* — é a quem quadram de molde estas suas palavras que não qualificamos, e de que a historia de certo não tomará conta, como velleidade de genio irritado e rancoroso:

« Parece incrível, que sujeito que possua sequer dois dedos de sciencia bibliographica chegue a propalar inexactidões de tamanho calibre, e tam flagrantes! »

Com effeito, negar a existencia d'um livro que existe — livro que nós possuímos; livro que possui aqui o illustrado bibliophilo Fernando Castiço, auctor de *cem rectificações do Diccionario Bibliographico* insertas em 1870 no *Commercio do Porto*; — e livro que possui tambem aqui a bibliotheca publica d'esta cidade — é um dislate bibliographico de tal ordem, « que só o escrevem os que diariamente nos dão provas do seu pouco saber, e (o que é ainda peor!) da carencia de siso commum — presumindo-se d'eruditos, e entretendo-se a publicar ás carradas volumes inquinados de falsidões historicas, e erros de toda a especie! »

Dois Padres.

de Lamego é uma das capellas de maior nomeada no reino, assim pela sua ancianidade, veneranda, como pelas suas recordações tradicionaes.

D'ora avante, ficará de maior nomeada ainda entre nós esta sé, pelo que n'ella acaba de dar-se n'estes ultimos tempos, « como exemplo d'edificação sacerdotal ».

Este exemplo está no desavimento collarejo e no soccamento de dois Padres irmãos, sem respeito nem acatamento ao logar sagrado do templo.

Recommendamos ás auctoridades competentes estes sacerdotes exemplares.

FASTOS HISTORICOS MODERNOS.

Mez de Fevereiro.

Dia 27. — Decreto d'expulsão e banimento dos Jesuitas em Hispanha, firmando-o o rei Carlos III. em 1767 n'este dia.

— Nascimento n'este dia, em 1793, do principe de Vergara D. Joaquim Baldomero Fernandez Espartero y Alvarez — o heroe liberal da guerra carlista dos sete annos em Hispanha.

— Execução n'este dia, em 1829, de 5 martyres da liberdade em Lisboa, victimados pelo governo sanguinario do usurpador tyranno D. Miguel I. como implicados na tentativa de revolução liberal de 9 do Janeiro anterior na mesma capital. — Em 6 do Março do mesmo anno, continuou-se esta victimação cruenta — holocausto predilecto dos asseclas ferrenhos do altar e do throno, inimigos ligadaes da liberdade e do progresso.

— Acção denodada dos liberaes contra os miguelistas em Faro no Algarve, em 1834 n'este dia.

— Enchente memoravel do Mondego em Coimbra, n'este dia em 1843.

Dia 28. — Assassinato do marquez de Loulé no palacio real de Salvaterra, em 1824 n'este dia — tomando parte importante n'este crime atroz o usurpador tyranno D. Miguel I. flagellador dos liberaes entre nós desde 1828 a 1834.

— Chegada ás ilhas dos Açores n'este

dia, em 1829, da expedição libertadora de Portugal — conquistadora do solio da rainha D. Maria II. usurpado pelo despota perjuro D. Miguel I.

— Desordem memoravel em Coimbra, entre os academicos e os habitantes da cidade, em 1854 n'este dia.

— Fallecimento n'este dia, em 1869, do famigerado poeta francez Affonso de Lamartine, oriundo de Mácon, capital do departamento de Saône-et-Loire: — vulto politico memoravel da França, desde 24 de Fevereiro de 1848, em favor do regimen republicano, apesar da sua esmerada educação legitimista.

— Terminação em Londres, em 1874 n'este dia, do processo memoravel contra Tichborne, finalizado com a condemnação do impostor.

Mez de Março.

Dia 1. — Fallecimento n'este dia, em 1741 — contando então 109 annos d'idade — de Luiz Jorge d'Azeitão, porteiro muitos annos do convento dos Loios de Xabregas, onde fôra victima d'uma queda.

— Desembarque de Napoleão Buonaparte em França, em 1815 n'este dia, vindo da ilha d'Elba no Mediterraneo — a leste da Córsega e fronteira a Piombino — onde elle residira desde Maio de 1814.

— Suspensão das garantias constitucionaes entre nós, em 1823 n'este dia, para podermos ser prêzos os conspiradores liberticidas, que trabalhavam então em favor da restauração do absolutismo.

— Sahida dos academicos de Coimbra para Thomar, em 1854 n'este dia, em consequencia das desordens do dia 28 do Fevereiro anterior, travadas entre elles e os habitantes da cidade.

— Assassinato em combate n'este dia, em 1870, do famigerado presidente do Paraguay na America, o denodado e indefesso Lopes, nas proximidades do rio Aquidabam.

Dia 2. — Fallecimento n'este dia, em 1728 — com 118 annos d'idade — d'um homem da freguezia de S Theotonio, no termo d'Odemira, conhecido usualmente com a alcunha de Sarilho, e tendo sido casado 92 annos.

— Nomeação n'este dia, em 1808, em nome do general francez Junot — invasor do nosso paiz á voz de Napoleão Buonaparte — do general de divisão Loison para governador do Porto e general das armas.

— Derrota da divisão franceza d'Arispe em Hispanha, do lado d'Aire, em 1814 n'este dia, com gloria para o general inglez Hill.

— Sortida de Rilvas n'este dia, em 1834, portando-se os liberaes contra os miguelistas com o seu denodo caracteristico.

— Revolução em Goa nos nossos Estados da India, em 1835 n'este dia, despojando novamente do governo o Prefeito Peres: — revolução, que nos dias seguintes se tornára encarniçada e sanguinolenta.

NECROLOGIO.

Resoa no campanario o dobre triste e plangente de finados; rasga-se a terra no cemiterio á sombra do cypreste esguio, e as aves soltam seu cantar monotono!... Funebre cortejo se aproxima; e no ataudé que o precede, vae um ente que não sorrir da vida, na quadra mais fagueira e d'esperanças repleta, findou sua existencia!

A terra, cahindo embora sobre seu corpo inanimado, frio e inerte, não fará jamais apagar da mente dos que o conheceram, o seu nome, e sua imagem tam querida!

A exm.^a D. Engracia Augusta Arantes d'Azevedo, filha do nosso presado amigo o illm.^o José Joaquim de Souza Azevedo Junior, no verdor dos annos, alma bondosa de virtudes cheia, não poude resistir á foice aniquiladora da cruenta parca. Esgotou em vão a sciencia os seus recursos, foram inuteis os desvelos da familia, que a adorava: estava fatalmente escripto no livro mysterioso do destino, havia de cumprir-se!...

As suas qualidades sublimes, fizeram-lhe captivar a affeição de quan-

tos a conheçiam; e nós que nos contamos n'esse numero, sentimos pungentissima saudade a ralar-nos o intimo d'alma.

A seus extremos paes e irmãos sirva de suavidade á dôr acérba que os opprime, a idea de que esse anjo, a quem adoravam, voo para junto do throno do Altissimo a gosar o premio de suas virtudes.

Braga 25 - 2 - 75. G. Basto.

EXTERIOR.

O governo hispanhol aceitou a demissão do general Moriones: e nomeou Bassols para commandante em chefe do primeiro corpo do exercito do norte.

A villa de Sagunto, em cujas proximidades tivera logar a aclamação militar de D. Affonso XII como rei da Hispanha, vae ser elevada á categoria de cidade.

O cabecilha carlista Dorregaray, longe de se dirigir ao Maestrazgo como assoalham os arautos do liberticismo peninsular, tracta de reunir em Chelva as suas forças dispersas.

A condessa de Girgenti, irman do rei da Hispanha D. Affonso XII, é esperada em breve em Madrid.

O representante da Hispanha foi recebido em Paris com cordialidade. — Teve logar no Elyseu a sua recepção solemne.

— Em França, desenvolve-se grande energia contra o buonapartismo.

Kerdrel é o candidato da direita á presidencia da assemblea.

— O porto do Pará no Brasil está infeccionado de febre amarella.

NOTICIARIO.

No sabbado, 6 do corrente, expõem-se o Sacramento ao meio-dia na real igreja de Sancta Cruz, com matinas com grande instrumental. --- Na segunda feira, 8, na igreja da Senhora a Branca. -- Na quinta feira, 10, na igreja da Lapa, com matinas com grande instrumental.

O nosso artigo principal da nossa folha anterior, transcrevemol-o do *Transmontano* de Villa Real.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o *Folhetim* d'hoje, devido á penna illustrada do nosso amigo Fernando Castiço — um dos filhos d'esta cidade que mais a enobrecem, assim pela sua cultivada intelligencia, como pelo seu character cavalheiroso.

Oxalá que o nosso antigo e dedicado amigo continue a mimosear-nos com as suas locubrações litterarias, patenteando nas folhas do nosso hebdomadario os fructos da sua leitura assidua — colhidos nas preciosidades da sua selecta livraria, não escassa em raridades de muito valor bibliographico.

Está assignada a Escripura do Banco Mercantil de Braga. — São gerentes d'este Banco os srs. Lopes Cardoso, Costa Palmeira, e Rebello da Silva, todos proprietarios abastados d'esta cidade.

Foi nomeado administrador d'este concelho o exm.^o Dr. João de Paim de Faria Leite Brandão, cavalheiro illustrado e dedicadissimo á situação.

Acaba de regressar a esta cidade o exm.^o Dr. Augusto José Pereira Leite, cavalheiro illustrado, e merittissimo delegado do procurador regio n'esta comarca de Braga.

Publicações Litterarias.

Recebemos as publicações que passamos a indicar, e agradecemos com summo reconhecimento:

« Relatorio do Conselheiro Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, a cerca do Congresso Meteorologico de Vienna d'Austria em 1873: Lisboa — imprensa nacional — 1874, 1 vol. em 8.º ».

« Relação do castello e serra de Cintra, e do que ha que vêr em toda ella. — Escripta por Francisco d'Almeida Jordão: Coimbra — imprensa d'Areosa — 1874, 1 vol. 8.º gr. — 2.ª edição d'este opusculo raro, impresso em Lisboa em 1748, na officina d'Ameno.

« Projecto de Codigo de justiça militar para o exercito de terra: Lisboa — imprensa nacional — 1875, 1 opusculo em folio.

« Póde-se ser catholico liberal? — Versão de Ségur por Manuel Ferreira Marnoco e Sousa: Porto — typographia de Bartholomeu de Moraes — 1875, 1 opusculo em 8.º ».

« Relatorio e contas da Direcção do Asylo de S. José da cidade de Braga: Braga — typographia Lusitana — 1874, 1 opusculo em 8.º gr. ».

« Relatorio e contas da Sancta Casa da Misericordia, e do Hospital de S. Marcos da cidade de Braga em 1873 a 1874: Braga — typographia Lusitana — 1875, 1 opusculo em 8.º gr. ».

« Anni di Matematica pura ed applicata, diretti da Brioschi e Cremona, in continuazione di quelli dal Professore Tortolini — Serie II, Tom. VI, Fasciulo IV — Milano, Bernardoni Editore-typografo, 1875, 1 opusculo em folio.

AGRADECIMENTO.

Os abaixo assignados não lhes seu do possível agradecer pessoalmente a todos os Illm.ºs e Ex.ºs Snrs. e Senhoras que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua sempre chorada filha, irman, e prima D. Thereza Maria de Jesus Rocha, bem como aos Illm.ºs e Ex.ºs Snrs. que lhes fizeram a honra d'assistir aos officios de sepultura, que tiveram logar no dia 22 do proximo passado Fevereiro, o fazem por este meio, protestando a todos seu indelevel reconhecimento e gratidão.

Joaquim José Marques da Rocha.
Anna Maria de Jesus Rocha.
Roza Maria da Conceição Rocha.
Bento Lourenço da Conceição.
(91)

ANNUNCIOS.

LIVROS ANTIGOS.

Na livraria de Manuel Gonçalves, livreiro e encadernador na rua das Aguas em Braga, ha uma porção de livros antigos á venda, uns raros e outros curiosos. — Ha poemas, historias, chronicas, sermonarios, viagens, e livros mysticos. — Ha biblias antigas e commentadores d'ellas.

N'esta livraria compram-se e trocam-se obras, assim como livrarias de particulares.

ALMANACH BUROCRATICO

Geral, Districtal e Concelho

PARA O ANNO DE 1875.

COORDENADO POR ARISTIDES ABRANCHES

Contém os nomes e moradas de todas as pessoas, que no paiz exercem funcções publicas e profissões particulares.

Em relação especial ao districto de Braga, contém esta obra, quanto no seu assumpto diz respeito aos concelhos d'Amareis, Barcellos, Braga, Cabeceiras, Celorico, Espozende, Fafe, Famalicão, Guimarães, Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira, e Villa-Verde.

Eis-aqui — para exemplo — o que diz respeito ao concelho de Braga.

Concelho de Braga.

Administração do concelho, Dita judicial, Advogados, Agencia do Banco de Guimarães, Arcebispo, Assembleia Bracarense, Associação commercial, Associação commercial de beneficencia, Asylo da infancia desvalida de D. Pedro V, Asylo de S. José, Banco commercial, Banco do Minho, Bibliotheca publica, Cabido, Camara ecclesiastica, Camara municipal, Collegio de S. Caetano, Collegio do Espirito Sancto, Collegio de N. S. da Guia, Collegio da regeneração, Companhia de iluminação a gaz, Comissão de viação municipal, Confraria do Bom Jesus do Monte, Conselho de districto, Conservatório do Menino Deus da Tamanca, Correio, Direcção d'obras publicas, Estação telegraphica, Facultativos, Governo civil, Hospedarias, Hospital de Sancta Cruz, Hospital de S. Marcos, Hoteis, Intendencia da pecuaria, Irmandade de Sancta Cruz, Irmandade de S. Vicente Martyr, Junta geral do districto, Legacia apostolica, Lyceu nacional, Misericordia, Monte-pio de S. José, Ordem Terceira de S. Francisco, Parochos, Pharmaceuticos, Procuradores, Professores, Recolhimento de Sancto Antonio das Beatas, Dito de S. Domingos da Tamanca, Dito de S. Gonçalo, Dito da SS. Trindade, Regimento d'infanteria n.º 8, Relação ecclesiastica, Repartição districtal d'obras publicas, Repartição de fazenda do Concelho, Dita do districto, Saude publica, Seminario de S. Pedro, Sociedade democratica recreativa, Tabelliães, Recebedoria.

São correspondentes da Empresa n'este Districto, e podem satisfazer qualquer requisição d'exemplares, em Braga, o snr. Luiz Duarte — Barcellos, o snr. Thomaz do Amaral — Guimarães, o snr. Manuel José d'Oliveira, Villa-Nova de Famalicão, o snr. Domingos Ferreira Antunes.

A empresa editora d'esta obra é a firma Carvalho & Companhia, com escriptorio na Rua Larga de S. Roque em Lisboa, 400, 1.º Lisboa.

ARITHMETICA COMMERCIAL

OU

Tractado completo d'Arithmetica pura e applicada ao commercio, aos bancos, ás finanças, e á industria.

POR

JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO, E ANTONIO DA SILVA DIAS.

CONTENDO:

Arithmetica pura — Noções preliminares — Numeração — Adição — Subtração — Multiplicação — Divisão — Breves noções de potências e raizes — Divisibilidade — Quebrados — Decimaes — Calculo mental — Erros e operações abreviadas — Equações numericas — Razões e proporções — Calculo por logarithmos.

Arithmetica applicada — Systema metrico decimal (com tabellas) — Complexos — Regra de tres — Regra de companhia — Percentagens — Juros simples — Desconto (por fóra e por dentro) — Prazo medio — Regra conjunta (com tabellas) — Cambio (com tabellas) — Regra de liga e mistura — Regra de falsa posição — Juros compostos (com tabellas) — Amortisação (com tabellas) — Divida publica — Acções de companhias — Obrigações — Rendas perpetuas e seguros de vidas.

Um grosso volume, de mais de 500 paginas, á venda nas Livrarias de Chardron no Porto e em Braga.

LIVROS

ANTIGOS, RAROS E CURIOSOS.

A' venda na Livraria Chardron em Braga.

Epitome de las historias portuguezas, por Manuel de Faria y Sousa, 1677, 1 vol. f.º, enc., 2\$500 rs.

Demonstracion evangelica y destierro de Ignorancias Judaicas, por el Padre Fray Luiz de la Presentacion, 1631, 1 vol. f.º, enc., 1\$200 rs.

Historia Italicea, auctor Fr. Guicciar-dini, 1566, 1 vol. f.º, enc., 2\$000 rs.

O Seculo 19 explicado á vista da Biblia, por Gorjão da Cunha, 1824, 1 vol. 4.º, enc., 360 rs.

O Condestabre de Portugal D. Nunalvres Pereira, por F. Roiz Lobo, 1627, 1 vol. 4.º, enc., 2\$000 rs.

Biblia Sacra, 1618, 1 vol. f.º, enc., 1\$000 rs.

Funiculo Aureo, tuplice indisoluble, el muy alto y poderoso Señor Rey de Portugal, por D. Francisco Muñoz, 1727, 1 vol. 4.º, enc., 800 rs.

Corographia portugueza, e descripção topographica do famoso reino de Portugal, pelo Padre Carvalho, 1.ª edição, 3 vol. f.º, enc., 12\$000 rs.

Monarchia Indiana, por Juan de Torquemada, 1723, 3 vol. f.º, enc., 8\$000 rs.

Chronica de Cister, composta por Fr. Bernardo de Brito, 1.ª edição, 1602, f.º, 6\$000 rs.

Chronica do muito alto e muito esclarecido principe D. Sebastião, composta por D. Manuel de Menezes, 1730, 1 vol. f.º, enc., 4\$000 rs.

Justino Lusitano ou traducção de Justino da lingua latina para a portugueza, por Troillo de Vasconcellos da Cunha, 1726, 1 vol. fol., enc., 1\$500 rs.

Historia da vida do veneravel irmão Pedro de Basto, ordenado por Fernão de Queiroz, 1689, 1 vol. f.º, enc., 3\$500 rs.

Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua portugueza, pelo Dr. Frei Domingos Vieira.

Está á venda a caderneta 125 (Su-Ta). — O 5.º e ultimo volume estará prompto fim de Fevereiro.

1.º volume	A-B.	4\$500
2.º	C-D.	4\$500
3.º	E-L.	5\$500
4.º	M-P.	4\$000
5.º	Q-Z.	4\$000

Ainda se recebem assignaturas na Livraria Internacional de Chardron, em Braga e no Porto.

ERNESTO CHARDRON — EDITOR

MANUAL D'ARBORICULTURA

Tractado theorico e practico da cultura e exploração das arvores fructiferas, por Alexandre de Sousa Figueirido, professor d'agricultura e agronomo do Districto de Faro.

Um volume em 8.º de mais de 400 paginas, com 100 gravuras intercaladas no texto, dividido em cinco cadernetas a 300 reis.

Summario das Materias:

- INTRODUÇÃO, ESTUDOS PRELIMINARES.
1. — Anatomia das plantas: órgãos de conservação e de reprodução: raizes, caule, folhas, gemmas, olhos, botões, flores, fructos e sementes.
 2. — Physiologia das plantas: fecundação, germinação, nutrição, crescimento, fructificação, reprodução e duração das plantas.
 3. — Agentes naturaes da vegetação: a terra, a agua, o ar, a luz e o calor.
 4. — Multiplicação das plantas, sementeiras, estacas, mergulhias, enxertos, alfores e viveiros.
 5. — Plantação das arvores, escolha e preparação do terreno, correctivos, adubos e as.
 6. — Formação das arvores: tronco, ramos, ramusclos, ramos foliares, fructiferos, bastardos e ladrões.
 7. — Podas: principios fundamentaes, podas de formação, de limpeza, de fructificação, decotes, tucapagens e rolagens, poda das raizes, podas vivas, cegagens espolradas, expontas, entalhes, incisões, empas e torsões.
 8. — Enxertos: principios fundamentaes, garlos, coroas, borbuthas, encontros, enxertos, estacas, herbaceos, de raiz e outras condições de bom exito, resguardos.
 9. — Aimação das arvores, copa alta, mediana e baixa, pyramides, palmetas, leques, vasos, cordões, latadas e parreiras.
 10. — Restauração das arvores velhas ou mal tractadas, enfermidades, inimigos animaes e vegetaes, aperfeiçoamento das castas, selecção, e hybridação.
 11. — Estabelecimento de pomares e vergeis, plantações em linhas e bordaduras, plantação á beira das estradas.
 12. — Abrigos, estufas, sebes e cercas.
 13. — Cultura da vinha: para vinho, para fructo, em linhas, cordões, parreiras, latadas e de enforcado. Uvas para vinho e para meza, apreciação das castas mais notaveis, doencas e tractamento.
 14. — A Oliveira, variedades, para azeite, para fructo, cultura e tractamento.
 15. — Laranja, limoeiro, tangerineira, variedades, cultura, e tractamento, enfermidades e inimigos.
 16. — Macieira, pereira, marmeleiro, variedades, etc.
 17. — Figueira, variedades, cultura.
 18. — Amendoeira, pecegueiro, ameixeira, cerejeira, aveleira, variedades, cultura.
 19. — Nogueira, castanheiro, azinheiro, sovereiro, alfarrobeira.
 20. — Amoreira.
 21. — Plantas fructiferas herbaceas, melão, melancia, moranguero.
 22. — Colheita, guarda e transporte dos fructos.
 23. — Conservação dos fructos em fresco e em secco, acondicionamento dos fructos para embarque.
 24. — Commercio de fructos, considerações economicas, custo e rendimento das principais culturas fructiferas.